

## ROUPA DE MUSEU: PROPOSIÇÕES INICIAIS PARA UMA ARQUEOLOGIA

*Clothes Museum: Initial Proposals for Archaeology*

PORTELA, Andrea L.; doutoranda em Ciências Sociais pela UFJF e docente do curso Design de Moda CES/JF, [andreaportela@pucminas.cesjf.br](mailto:andreaportela@pucminas.cesjf.br)

Resumo: Apresentamos algumas ideias preliminares da pesquisa que desenvolvo no doutorado em Ciências Sociais - UFJF, o ponto de partida para uma arqueologia do acervo de indumentária do Museu Mariano Procópio - MMP, de Juiz de Fora. As roupas do museu serão as protagonistas, considerando-as complexas fontes culturais que, como tal, precisam ser exploradas. Acreditamos que o estudo destas roupas, através da cultura material, muito tem a dizer sobre a História da Indumentária e da Moda que se processa no Brasil do século XIX.

Palavras chave: Roupas de Museu, Cultura Material, História da Indumentária.

*Abstract: We present some preliminary ideas to develop research in a PhD in Social Sciences - UFJF, the starting point for a archeology outfit collections of the Mariano Procopio Museum - MMP, Juiz de Fora. The museum clothes will be the protagonists, seeing as complex cultured sources, such as, need to be explored. We believe that the study of these clothes, through material culture, has much to say about the History of Outfit and Fashion that takes place in nineteenth-century Brazil.*

*Keywords: Clothing Museum, Material Culture, History of the Outfit.*

## ROUPA DE MUSEU: PROPOSIÇÕES INICIAIS PARA UMA ARQUEOLOGIA

*Um museu não é um cemitério de roupas mortas.*

*Valerie Steele*

### **Introdução:**

Este artigo apresenta os arranjos iniciais da pesquisa que realizamos no doutorado em Ciências Sociais/ UFJF sob a orientação da Profa. Dra. Elisabeth de Paula Pissolato. Este estudo se fez necessário a partir das lacunas encontradas na prática profissional no ensino da disciplina História da Indumentária. O desafio é experimentar, na coleção de indumentária do Museu Mariano Procópio- MMP, caminhos que preencham algumas lacunas que o estudo da indumentária nos apresenta.

Sob o título “O manto real dos trópicos: uma arqueologia das roupas do Museu Mariano Procópio”, a pesquisa pretende percorrer a trajetória das roupas deste museu, tanto como objetos como documentos históricos pertencentes ao século XIX, suas texturas e contextos humanos e sociais. Trata-se de um quadro particularmente brasileiro, na tentativa de somar informações para entender como se processa a história do vestuário em nosso país, quando as fontes de conhecimento e informação são ainda escassas, por vezes, insustentáveis dentro dos parâmetros das ciências sociais. Encontramos uma fragilidade no arcabouço teórico, criticado, sobretudo, por sua natureza empírica e excessivamente descritiva (VACCARI, 2008, p.99).

O estudo do vestuário reclama fontes mais precisas. Segundo Rita Andrade (2008), as contribuições para a história do vestuário produzidas no país são fragmentadas, sem a inscrição da história da roupa, nem mesmo a partir da colonização portuguesa. Não temos uma tradição de estudo como o têm outros países como França, Inglaterra, Estados Unidos.

Acreditamos que as evidências materiais que serão encontradas nesta pesquisa, confrontadas ao estudo bibliográfico, podem fornecer dados relevantes sobre as roupas vestidas no Brasil no século XIX e as repercussões relacionadas aos usos e modismos. E, quem sabe, recuperar dados sobre a incrementação da produção têxtil que, inicialmente, se impulsiona para atender à moda. Este fato pode tomar um caminho à parte neste universo em particular, dado ao pioneirismo da indústria têxtil em Juiz de Fora, tendo sido chamada de Manchester Mineira<sup>i</sup>, a cidade possuía mais de 160 indústrias e era considerada a maior de Minas Gerais na última década do século XIX.

### **Notas sobre Moda e a História da Indumentária no Brasil**

No Brasil do século XIX, com a abertura dos portos para os comerciantes estrangeiros, começaram a surgir inúmeros estabelecimentos comerciais para atender a ‘demanda reprimida’ de vaidade (RASPANTI, 2011, 217), dando oportunidade de ostentação para a aristocracia, e para negros e ‘gente de cor’, de trabalhar nos cuidados do vestuário em geral (cortar e costurar, bordar, fazer rendas de bilro, consertar vestimentas usadas etc.).

O século XIX representa, para a História da Indumentária e da Moda, significativa transformação, pois modelam nossos modos dentro de um sistema

novo que se expande até se mostrar tal como é hoje. Período de grandes transformações sociais, do conhecimento e das tecnologias, que repercutem em novas representações de prestígio social e de mentalidades refletidas nos modos de apresentação e de composição do vestuário. Modos que chegarão ao Brasil, em primeira instância, pelos modos e modas da família imperial.

Apesar das influências estrangeiras, desconfia-se de que não possamos descobrir peculiaridades ao se pesquisar as roupas e os artefatos usados por aqui, como adaptações, misturas, criação ou gostos singulares. Como na ideia de “abrasileiramento” dos modos importados de que trata Gilberto Freyre (2009). Relatos de visitantes estrangeiros também dão informações sobre as preferências de brasileiros a respeito do vestuário, muitas negativas, como informa Márcia Pinna Raspanti (2011).

Cientistas sociais como Gilda de Mello e Souza (1987) e Gilles Lipovetsky (1989), afirmam que é em meados da Idade Média que o homem desperta o interesse pelo vestir para atender a exigências estéticas e promovendo, a partir daí, uma mobilidade de gostos e a instalação de ciclos breves de moda. Este fenômeno Ocidental acionou uma máquina de transformações que opera, até os dias de hoje, num ritmo cada vez mais acelerado.

O fenômeno Moda se relaciona a um conjunto de fatores dentro do funcionamento social, Denise Pollini (2007, pp.16-17) diz que o modo de vestir, em qualquer época, se relaciona com os aspectos sociais e culturais determinados pela maneira de pensar do período, à moda interessa mais este conjunto de fatores do que propriamente as roupas.

A expansão, complexidade e risco de esvaziamento do conceito de moda, pela variedade de usos, leva a pensar na memória como método para tratar deste fenômeno em múltiplas perspectivas. Desde seu surgimento, a Moda vem sendo abordada por enfoques empobrecedores para a compreensão de suas sucessivas variações, repetidamente vinculados a estratégias de distinção social quando, mais precisamente, o foco deveria ser dado na ligação de dois outros fatores fundamentais, característicos da modernidade. Segundo Lipovetsky (1989), estes dois fatores seriam: a relevância do novo e a expressão da individualidade.

Esta problemática reclama novas abordagens da História da Moda, motivo pelo qual buscamos nos conduzir pela trajetória social dos objetos proposta por antropólogos como Arjun Appadurai e Igor Kopytoff que afirmam ser

possível fazer perguntas às coisas, assim como se faz ao fazer uma biografia de uma pessoa. Sociologicamente, é possível perguntar acerca das possibilidades biográficas que se concretizam no status, época e cultura de um objeto. De onde vem e a que se destina; quem fabricou; suas idades e fases da vida; seu uso e o que acontece quando sua utilização não é mais necessária. Ou seja, é preciso “seguir as coisas por si mesmas” (KOPYTOFF, 2008, p.92).

### **A roupa nas dimensões da Cultura Material: memória e concretude**

As roupas são as mais importantes fontes materiais na pesquisa histórica da indumentária. Segundo a convicção do historiador da indumentária, Carl Kölher (1996, p. 53), nada senão a própria indumentária, quando acessível, teria maior legitimidade ao se levantar as concepções relativas ao vestuário que prevalece em cada período da história, pois estamos sempre propensos a fazer prevalecer nossas modernas concepções diante dos trajes do passado.

Rita Andrade (2008) aponta ainda a importância de se estudar a roupa mais diretamente, diz que o objeto como dado primário da pesquisa possibilita identificar aspectos de forma bastante específica que somente o contato com a roupa pode garantir, como modelagem, técnicas de costura, tecelagem e estamparia, fibras e fios.

Diante destes pontos de vista percebemos a potencialidade dos objetos de guardar e revelar não só informações classificáveis, mas formas sensíveis, construindo subjetividades individuais e coletivas.

A descrição etnográfica dos usos, tanto coletivos quanto individuais, dos objetos materiais na interpretação antropológica de formas de vida social e cultural evidencia, como acredita Gonçalves (2007, p.08), que os objetos não só realizam funções práticas indispensáveis, mas que suas funções simbólicas são pré-condições estruturais para o exercício das primeiras.

Os objetos fabricados pelos homens nasceram de necessidades humanas que podem ser entendidas através do estudo desses objetos. As peças de vestuário, por exemplo, muito têm a dizer sobre nosso modo de vida, pois documentam nossa passagem pelo tempo e constituem importante fonte de conhecimento sobre funcionalidade, tecnologia, estética, estratégias de uso, poder, luta e prazer frequentemente atualizados nos enfrentamentos cotidianos.

A roupa como memória é aquela que aciona uma mágica nos indivíduos, resgatando - como um retrato - lembranças de tempos, documentando não somente a constituição de uma peça vestimentar, mas também a construção social que nela se imprime. Seria a memória coletiva, a própria cultura que se desenha e que se revela ao mesmo tempo no artífice, no instrumento com que ele molda e no objeto que vai sendo moldado.

Como na moralidade das coisas descrita por Roy Wagner (1981, pp 76-77), onde ferramentas não são instrumentos meramente utilitários, já que constroem seus usuários no ato da utilização. Para ele, os objetos são capazes de “usar” os seres humanos, “brinquedos brincam com as crianças, e que armas nos estimulam à luta”, assim, os instrumentos seriam responsáveis por objetivar nossas habilidades. Além disso, através dos objetos, incorporamos o conjunto de valores, atitudes e sentimentos dos que os inventaram, os usaram, os conheceram, os desejaram e os deram a nós.

Ao pensar a roupa precisamos - conjuntamente - levar em conta tanto o homem que a veste quanto o homem que a consome, esperando que para a moda não baste somente a roupa. Mas, mesmo considerando que na história toda construção é provisória, a roupa vem sofrendo um tipo de amnésia, melhor dizendo, esfacela-se precocemente frente aos apelos mercadológicos; esquecemos de que as roupas podem seguir por modalidades múltiplas, outras vidas revividas, em memórias, sentimentos, imagens e sobrevidas. Seria preciso lançar novos olhares sobre os objetos, sobre as roupas - como as que estão em questão.

Arjun Appadurai (2008, p.22), em *A vida social das coisas*, propõe pensar a mercadoria como qualquer coisa destinada à troca nos libertando da preocupação com o produto, a produção e a intenção original do produto. Desta forma, as mercadorias podem ser trocadas por dinheiro, por outras coisas e até por pessoas. Appadurai tem um conceito de mercadoria que rompe com a visão marxista dominada pela perspectiva da produção, por isto, ele busca concentrar-se em toda trajetória, desde a produção, passando pela troca, distribuição e consumo (2008, p. 27).

Nossa trajetória parte de roupas que estão em um espaço museal traçando especificidade acentuada, embora possam ser percebidas por diferentes contextos – material, sociocultural e museológico – de forma conjunta. Por isto,

fazemos da cultura material nosso principal instrumento, tentando revelar, através das roupas, a dimensão concreta de seus contornos e das relações sociais que possivelmente se estabeleceram ao redor.

### **Museu Mariano Procópio e a coleção de indumentária no cenário das “artes decorativas” do século XIX.**

O Museu Mariano Procópio-MMP tem relevância, tanto nacional quanto internacional, pelo seu variado acervo do Brasil Império.

Segundo Rogério Pinto (2008), o seu fundador Alfredo Lage era um monarquista convicto que primava não só pela preocupação artística e histórica, mas pelo desejo de ressaltar e celebrar o valor do caráter passado da nobreza. Alfredo Ferreira Lage (1865-1944) foi advogado, jornalista e fotógrafo, filho de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1871) engenheiro e político que dá nome ao museu. Alfredo Lage era um colecionista à moda da época, e desde criança se interessou por artefatos ligados a história natural. Mais tarde, dedicou-se a selecionar peças de caráter histórico e artístico.

No século XVIII, os museus tinham o propósito etnográfico e se guiavam pelo interesse de conhecer a essência das identidades étnicas. Já nos séculos XIX e XX, surge outra atitude cultural, sendo as artes decorativas que irão legitimar a função - missão didática - de objetos que pertenceriam a histórias e geografias diferentes entre si (VACCARI, 2008, p.97-99). Provavelmente, dentre a variedade de coleções de Alfredo Lage, a coleção de indumentária tenha sido mantida nesta perspectiva, como conjunto de vestuário, ornamentos de adorno, entre outros aparatos decorativos. Não exatamente pelo interesse como roupa em si.

As coleções de Alfredo Lage iniciaram com seu pai com coleções de moedas, medalhas, cerâmicas, condecorações, joias, indumentária, peças de mineralogia, candelabros, armas, animais taxidermados, fotografias, Belas Artes entre outras. Uma lista bastante extensa, da qual podemos traçar outra lista, que permita pensar num sentido de coisas que deslocam a atenção das roupas para suas representações e conferindo-lhes um caráter de artigo de adorno pessoal, por isso, as roupas - junto com seus aparatos decorativos - talvez tenham este tipo de relação de interesse para com o museu. Como artes decorativas que incluem gravuras e ilustrações, como exemplos de representação de roupas.

Estas representações ganham um interesse especial, pois são fontes de estudo tanto do desenho quanto de difusão da moda.

Segundo Alessandra Vaccari (2008), o corrente uso da expressão “artes decorativas” faz referência a objetos do passado devido à estreita relação entre o vestuário e as artes decorativas. Nos últimos setenta anos, a expressão arte decorativa foi substituída por design (ibidem, p.97), no entanto, objetos antigos podem ainda receber o rótulo de artes decorativas por englobar uma variedade muito grande de objetos. Deste modo, acredita-se que as coleções de fotografias, joias, bengalas e Belas Artes, por exemplo, do MMP, são importantes fragmentos que contribuirão sobremaneira com a pesquisa.

A coleção de indumentária inclui atualmente 125 (cento e vinte cinco) peças de roupas, em sua maioria composta de peças militares, onde se destaca o Fardão da Maioridade usado por D. Pedro II em 1841, na cerimônia que o considerou apto para assumir o Império do Brasil.

O Fardão da Maioridade talvez possa ser considerado a maior representação estética de propaganda de governo que transformou a colônia em Reino Unido. Considerando as palavras de Lilia Moritz Swarcz, em seu livro *As Barbas do Imperador*, “Dom Pedro não nasceu, foi fundado” (1998). Os estudos sobre as representações de poder e das artimanhas políticas que podem ser lidas no período ainda relegam a subcategoria objetos como as roupas ou, ao menos, ainda não lhes foram destinados olhares mais atentos.

Além dos trajes da coroação, da maioridade e do casamento de Dom Pedro II, o Museu Mariano Procópio também guarda uma calda da roupa de corte da Princesa Isabel, feita de chamalote, seda e fios dourados.

Segundo Rogério Pinto (2008), as aquisições de Alfredo Lage ocorreram de diferentes maneiras, nem sempre com registro preciso. Embora estas datas não estejam especificadas nos arquivos do acervo, podemos pressupor seu período original a partir de outros indícios (período de vida dos usuários, modelos dos trajes e materiais utilizados, entre outras evidências).

No caso das vestes de D. Pedro II, se deu de forma custosa, pois valeram muita discussão na época, muito esforço na aquisição e a quantia de 10:000\$ (dez contos de réis). Esta incorporação se deu em 1926 e possui singular importância na coleção. Houve preocupação imediata com o acondicionamento das peças, tendo sido construídos armários decorados ao estilo Império e

ornados de bronze dourado. Para Rogério Pinto (2008, p.185), se não fosse por Alfredo Lage estas vestes teriam desaparecido ou estariam fora do país.

Chamou-me especial atenção, as peças pertencentes à Baronesa de Suruhy, Dona Carlota Guilhermina de Lima e Silva (1817-1894), irmã de duque de Caxias e dama de honra da imperatriz Teresa Cristina, o conjunto consta de uma pala, uma blusa-corpete (parte superior) e uma saia (parte inferior), cosidas em seda, cambraia de linho, tule, renda e bordada com fio metálico prateado, lantejoulas e com colchetes no acabamento.

Segundo dados do acervo do MMP, a origem de muitas destas peças e ornados são provenientes das famosas ruas do centro do Rio de Janeiro. A moda feminina do período era dominada pelos franceses e a masculina pelos ingleses. Conforme Raspanti (2011), no Brasil do século XIX, os ingleses detinham as vendas dos artigos da Rua da Direita e da Alfândega. Já os franceses dominavam a Rua do Ouvidor.

Destaco também peças de D. Maria Amália (1834-1914), mãe de Alfredo Lage, com indícios do estilo alternativo inglês do século XIX, este estilo pode ser compreendido como um conjunto de sinais extraídos do vestuário masculino composto de itens separados, ou seja, em conjunto (CRANE, 2006, p. 202). Fato importante por apontar certa democratização da moda no período.

O acervo conta ainda com as fardas do conselheiro Afonso Penna, as do Visconde de Lima Duarte e o uniforme do médico de Pedro II, o conde de Mota Maia.

O acervo dispõe também de artefatos como bengalas, chapéus, leques, joias e sapatos usados na época do império. O chapéu tinha muito destaque entre os mimos femininos. E os enfeites de penas coloridas eram cobiçados, as penas consideradas exóticas pelos europeus, ainda eram elaboradas com a habilidade e criatividade dos artesãos brasileiros (RASPANTI, 2011). Na época, as manufaturas de leques se localizavam no Rio de Janeiro e Salvador e estes se tornaram populares a partir de 1860.

Entre os têxteis, como curiosidade, já que não fazem parte da pesquisa, destaca-se “*uma cortina de crivo em labirinto serzido onde se lê Independência ou morte! – 1882-1922*”, apresentada pelo governo do Ceará numa exposição, em 1924, em Bruxelas (PINTO, 2008).

O Museu Mariano Procópio é o primeiro museu de Minas Gerais (Revista Em Voga, 2001), possui um acervo de valor inestimável e um dos mais diversificados do Brasil. Atualmente encontra-se fechado, em processo de reforma.

### **Por fim, os meios para os primeiros passos arqueológicos**

O desafio metodológico atravessa a antropologia dos objetos e o método etnográfico na forma de gerir os dados desde a coleta das informações, na elaboração de um sistema de análise capaz de interpretar as informações obtidas. Esta organização contribuirá com o diálogo entre as várias instâncias teóricas envolvidas na construção de uma narrativa dos objetos.

Pretendemos recuperar dados utilizando toda a potencialidade simbólica das roupas para estabelecer uma conversa com os homens, como para Lévi-Strauss “não se podem estudar os deuses e ignorar suas imagens; os ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que o oficiante fabrica e manipula; regras sociais, independentemente de coisas que lhes correspondem” (1965). É preciso olhar, organizar e discutir os dados, esgotando toda capacidade da roupa para construir sua narrativa.

Sabemos que diferentes contextos deslocam as roupas para diferentes significações e diferentes suportes de informação, sobretudo no caso das roupas de museu que percorreram trajetórias singulares antes de chegarem até ali, considerando que “não temos museus em função dos objetos que eles contêm, mas em virtude dos conceitos ou ideias que esses objetos ajudam a transmitir (SOLA, 1996, p.25)”. Os objetos museológicos são entendidos fora do contexto material para o qual foram concebidos, mas separados como valor, “as coleções dos museus são representadas por objetos da cultura material (...) que são signos da cultura porque foram usados por mitos e heróis da nossa história, perdidos no passado, guardados em vitrines para serem contemplados” (NASCIMENTO, 1985, p.09).

A opção de investigar roupas em museu se faz por acreditarmos na roupa como uma complexa fonte cultural, cuja potencialidade enquanto tal precisa ser testada. Preliminarmente, pensamos na “trajetória” destas roupas, enquanto coleção, como proposta de Arjun Appadurai. Entretanto, a pesquisa encontra-se em fase inicial e, provavelmente, novos recortes estão por vir.

Apesar dos museus estarem na pauta dos discursos, sobretudo no interesse que as roupas geram potencializando novos públicos, reforço nosso interesse pelas roupas como protagonistas, e que talvez possam ajudar a renovar o repertório de estudo e pesquisa da História da Indumentária e da Moda, sobretudo no Brasil, assim acreditamos.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Rita Morais de. **Bouè Souers RG 7091**: a biografia cultural de um vestido. 2008. 224f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva material. Tradução: Agatha Bacelar – Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 2008.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo S. Teorias antropológicas e objetos materiais. Em: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Museu, memória e cidadania, 2007. 256p. Disponível em: < [nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia\\_dos\\_objetos\\_V41.pdf](http://nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf)>. Acesso em 05/10/2012.

KÖHLER, Carl. **História do Vestuário**. Tradução: Jefferson Luís Camargo 2ª Ed.– São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: EDUF, 2008, p. 89- 142.

LÉVI-STRAUSS, C. **Lección Inaugural I**. Collège de France, 1960. Tradução: Carlo Rafael Giordano. Reprodução da revista Aut Aut, nº 88, número especial dedicado ao antropólogo, 1965, pp.7-41.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades. Tradução Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 10ª ed., 2007.

NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal como objeto de conhecimento. Em: **A Historicidade do Objeto Museológico**. Cadernos de museologia nº03 - U L H T - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1994.

PINTO, Rogério Rezende. **Alfredo ferreira Lage, suas coleções e a constituição do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora MG**. Juiz de Fora: 2008. (Dissertação de Mestrado, História, UFJF) – Capítulo 2 “A coleção”.

POLLINI, Denise. **Breve história da Moda**. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

RASPANTI, Márcia Pinna. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império (pp.195 – 221). Em: **História do Corpo no Brasil/** Mary Del Priore, Márcia Amantino (orgs) – São Paulo: Editora UNESP, 2011.

Revista EM VOGA, Juiz de fora, **Imagens do Passadon**. 146 03/2001, p. 09.

SOLA, Tomislav. **Identidade**: reflexões sobre um problema crucial para os museus. Cadernos Museológicos, n.1, p.25, U L H T - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1986.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

SWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VACCARI, Alessandra. O vestuário nas artes decorativas e no design (pp. 97-108). Em: SORCINELLI, Paolo (org). **Estudar a moda**: corpos, vestuários, estratégias. São Paulo: SENAC –SP, 2008.

---

<sup>i</sup> Manchester, cidade inglesa, um dos berços da Revolução Industrial. Dados informados pelo professor Carlos Pernisa Júnior, no texto “Juiz de Fora: a nova Manchester Mineira”. Disponível em: < <http://juizdeforaonline.wordpress.com/especiais/a-industria-em-juiz-de-fora/juiz-de-fora-a-nova-manchester-mineira/>>. Acesso: 27/03/2013.